



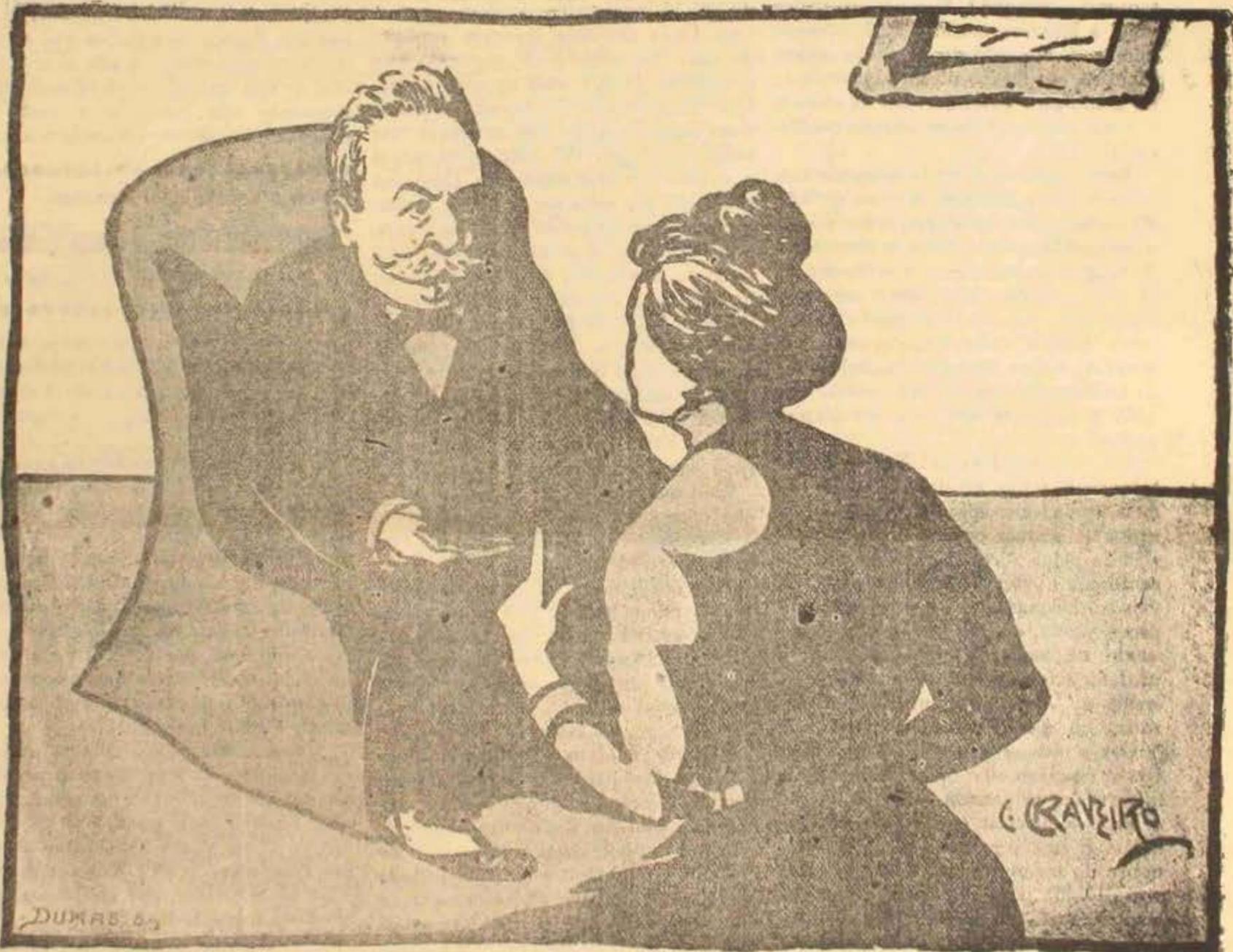
Semanario independente, humoristico, illustrado e musical

Proprietario e Director: C. da Correla — Redactores: Anselmo R. d'Oliveira, Palermo e Faia, Ezequiel, Bento Mantua e João Bastos — Administrador: Xavier da Silva  
 Desenhos de A. Lacerda, C. Craveiro e J. Bastos — Directores musicaes: Alfredo Mantua e Fernando Padua — Gravuras de Dumas

<p><b>REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO</b></p>	<p><b>Numero avulso 20 réis</b></p>	<p><b>Officinas de impressão e composição</b></p>
<p>Rua do Arco da Graça, 42, 1.º — LISBOA</p>	<p>Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador</p>	<p>A LIBERAL — R. de S. Paulo, 216 — LISBOA</p>

Condições de assignatura: Sobe de 15 numeros — Lisboa e provincias 300 réis. Colonias 400 réis. (Pagamento adiantado). — A cobrança pelo correio é augmentada em 100 réis. — Não se atten em os preços de assignatura que não foram ar empilhados da respectiva importancia.

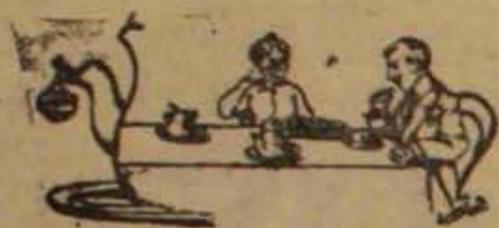
**QUEM ESPERA DESESPERA ...**



O sr Julio de Vilhena resolve consultar Madame Brouillard para saber se chegará ou não a presidente de conselho de ministros.

**Brindes aos nossos assignantes e annunciantes**

Se nos numeros marginaes da 1.ª pagina estiver contido o da sorte grande da proxima loteria portugueza, o assignante ou annunciante tem direito a uma dezena para a loteria seguinte.



## CHRONICA LIVRE

Se a cada impeto de revolta que desponta em meu cerebro e vem sacudir-me todo o systema nervoso n'um repellão intenso, eu dêsse vulto e o transformasse n'um protesto escripto ou fallado, as minhas palavras seriam todas de protesto, os meus escriptos seriam todos de revolta.

Para mim, a vida, tal como hoje m'a consentem, é apenas um motivo, e forte, e ponderoso, e grave, de rebellião. Ponho o pé na Rua inda o Sol mal desponta das bandas do Leste e na Rua quasi tudo o que vejo me enerva, me amofina, me contrista e me revolta. Aqui um padre, acolá um soldado, mais além ainda um mendigo. E o padre e o soldado e o mendigo revoltam-me — porquê? Porque no padre vejo a Mentira social e a Hypocrisia humana; no soldado a força dessa Mentira, o fructo d'esta Hypocrisia; no mendigo a consequencia de ambos, o resultado final da sua acção combinada.

Junto á meia noite deixam-me respirar, enfim; libertam-me do grilhão do trabalho os superiores, e mal ponho o pé na Rua, logo sinto a estalar-me de magua o coração, e a arder-me de revolta a mente. E' ainda o mendigo a pedir-me esmola, é depois a prostituta, que a cada esquina me vem desafiar, e que surge do cunhal de cada prédio, do vão de cada porta.

E é a prostituta que me inspira agora.

Sim, que me inspira! Não vos contorções de tédio, illustres fidalgotes de meia-tigela, amaneirados praxistas, sisudos e graves conselheiros; não co-reis de pejo, virtuosas madamas quar-entonas, hystericas meninas, veneráveis solteironas... A flor inspira sempre o poeta, quando é viçosa e captivante de aroma e cores, e quando a profana a furia da nortada, a baba da lesma e... a mão enluvada dum peralta, ou a mão setinosa duma scia.

Ora a mulher para mim é uma flor: fresca e perfumada, quando é seu guia a Virtude; profanada se a subjugou o Vicio e encetou o caminho da Perdição. E eu sou poeta, na acepção mais nobre do termo, se não pela esthetica, sem duvida pelo sentimento. Que me inspira, sim! A prostituta é a flor profanada por vós, pelo vosso desdem, oh, scias! pelo vosso sadismo, oh, peraltas! Não estranheis então que para a flor profanada eu tenha prestes as endeixas da minha dor, os carpidos da minha magua...

E depois, porque não? Comparar a mulher virtuosa á mulher corrupta, que tem? O que ha n'esta a mais ou a menos? A menos... o pudor, talvez; a mais a desgraça. E quem é que a arremessou á Montureira, ao Charco, ao tremedal da Lepra e ao vortice da Dor? A Fome, talvez; quem sabe se o mau marido ou o mau pae; sem duvida a miseria. E da miseria sua a quem cabe a responsabilidade?

Fica em aberto essa interrogação e que cada consciencia lhe ponha adiante o seu dictame, e cada espirito a sua solução.

Nesta altura gostara de ver, de examinar bem, o rosto de cada um dos provavelmente resumidos leitores d'esta chronica e verificar num a expressão do tédio, noutra um sorriso de sceptico, num terceiro uns olhos chispando de odio—tédio de mim, scepticismo pelo meu amor, odio á desventurada. Pois a alma da prostituta é talvez a alma mais requintadamente sensível e impressionavel de quantas almas ternas de mulher se possam conhecer ou phantasiar. Um exemplo, um facto. N'uma descripção rapida:

T. dos Remolares. Alta manhã num dia de Novembro irisado dum sol mortiço. Duas crianças brincam no leito da rua. No passeio da esquerda trez mulheres. Dobra uma esquina ao galope desenfreado do cavallo o coupé dum burguês. Uma das creanças tem tempo de fugir. A' outra confunde a o susto e vae ficar esmagada. Uma das mulheres vê, solta um grito de arrancar lagrimas de todos os olhos e carinho de todos os peitos, lança-se, com risco de si propria, á frente do cavallo e salva a creança. Depois, tremula e livida, beija-a soffregamente e estreita-a nos braços. A creança é filha do guarda-portão dum prédio da rua.

Esta mulker, ouvi peraltas! ouvi scias! esta mulher é uma prostituta, é uma das taes que vendem o corpo para comprar o pão.

Que maior nobreza de sentimentos, que mais sublime abnegação exigir duma creatura cuja vida é a do mais cruel soffrimento?!

Ella é a banida, ella é a amaldiçoada. E não obstante ella é... a mãe que a esteril aridez do ventre a que a levou a Desgraça não evitou de conservar no coração a suprema virtude do maternal affecto.

E' tarde; cantam os gallos; sinto-me cançado. E ainda não vou repousar sem que um impeto de revolta me saccuda, contra a materia flacida que exige ao espirito sempre vivaz e esperto o sacrificio de submeter-se ao seu capricho de inação. Mas não escrevo mais uma linha—porque se eu fosse a tornar protesto mais esta revolta e a dar-lhe vulto e forma; ah! tinhamos nós outra chronica, (para mim) outra estopada (para os leitores).

EDMUNDO D'OLIVEIRA



## NOTAS SCIENTIFICAS

### ESTUDOS DE OCCULTISMO

#### Lei da reacção ou de evolução

(Continuação)

Cercado de enormes difficuldades é em geral o estudo dos factos que se succedem na vida dos outros, por não conhecermos todas as circumstancias internas e externas que acompanharam esses acontecimentos. Por isso os primeiros esforços de aquelle que se quizer dedicar ao occultismo, concentrar-se-hão no estudo de si mesmo. *Nosce te ipsum* será a sua divisa. O que constitue propriamente o seu trabalho, que deve avigorar a sua fé, libertar a sua consciencia e fazê-lo progredir no caminho do bem, é o estudo feito dia a dia dos factos de sua vida, o exame da causa das reacções, da sequencia logica dos factos que se vão desenrolando desde o seu nascimento até á sua morte. Poderá num dado momento não perceber a razão do desenvolvimento de certos factos, con-

Leiam o sensacional romance

#### Estanislau Sam, o policia portuguez

que o AZULEJOS publica em folhetins

siderá-los injustos e immerecidos, mas o estudo demorado das circumstancias que acompanham os acontecimentos, lhe mostrará a justiça e a exactidão da lei.

E' claro que não podemos aqui examinar um a um todos os acontecimentos que se podem desenrolar na nossa vida e fazer a ligação de elles com os actos praticados. Esse estudo bem desenvolvido constituiria assumpto para mais de um volume; não podemos comtudo deixar de nos referir a um facto, ao que parece muito em moda na nossa sociedade, e que quasi todos julgam um acto desprovido de importancia e sem consequencias.

Todos sabem a importancia que têm na Natureza as forças genesicas, destinadas á propagação da especie; se não fosse o jugo quasi fatal de essas forças e os gosos inherentes ao seu funcionamento, não haveria quem a ellas se sujeitasse, por medo uns, por egoismo quasi todos.

Ora ha muitos individuos que encontraram meio de gosar todos os prazeres inseparaveis de estas forças fugindo ás suas consequencias e pondo assim um limite á propagação da especie. Constituem estes factos, crimes

dos que esta Natureza pune com mais severidade. Para que o leitor se convença de que os factos de esta categoria caem sob a alçada da lei de reacção, vamos resumir o mais possível tudo o que temos visto e observado.

Temos visto casaes, possuindo já um ou mais filhos, que procuram impedir o nascimento de outros, por amor áquelle a quem querem dedicar toda a sua attenção e para quem querem guardar toda a sua ternura e todos os recursos materiaes de que possam vir a dispor na sua existencia. O que temos observado na vida de estes casaes, é para fazer recuar de terror todos os individuos que lhes prestarem attenção e souberem attribuir aos tactos a sua verdadeira causa. Temos visto umas vezes morrerem os filhos já nascidos, a quem os paes dedicam um amor demasiado egoista, por ser exclusivo. Outros continuam a viver para castigo dos paes, a quem enchem de desgostos, pelo seu mau comportamento e pessima indole.

De uma vez vimos um casal, que já possuia varios filhos, procurar evitar o nascimento de outros, por um processo que os rapazes põem em pratica, para evitar doenças de certa ordem. Falhou esse processo, não sabemos porque descuido; e a creança que nasceu foi amamentada por uma ama, que lhe pegou uma doença syphilitica da qual morreu.

(Continua)



## Lagrimas negras

(a' porta d'um Hospital)

—Creancinha que tens? Morreu-te alguém?  
—Porque choras assim com tanta magua?  
A criança fitou-me e disse:—Alem  
(Soluçando bem fundo, olhos em agua)  
—Morreu hoje lá dentro minha mãe!!...

Zé PEREIRA

## REALIDADE

(Ao meu dilecto amigo  
Manoel Praxedes Gonçalves)

A chuva cahia em grossas catadupas...

O mar, em rugidos leoninos, arremessava herculeamente d'encontro á praia, constantes vagalhões fragorosos!

O céo, nêgro e mesto, era todo um resuvió em permanente erupção de fogo.

O vento,—esse invisível *caminhão de estradas infinitas*, bramia fortemente.

Emfim, sobre a Terra, parecia imperar, somente, no maximo do seu despotismo,—a Furia; nos céos, no auge da sua irreductibilidade, a Voz sinistra da Desolação!...

\* \* \*

Quem ao coruscar lugubre dos relampagos, esta pagina da villeza humana, podesse contemplar, mudo de espanto e attonito de horror, lançaria aos céos um olhar de fera, como que traduzindo o quanto ha vil, infame e hediondo n'este mundo—que dizem creado por um Deus de infinita e impolluta bondade!...

\* \* \*

Uma gleba deserta e vasta...

Ao centro dois bandidos!...

Um, no olhar, tinha os lampejos fulminantes d'um *sabre* em riste bran-

\*\*\*\*\*

Leiam o sensacional romance

### Estanislau Sam, o policia portuguez

que o AZULEJOS publica em folhetins

\*\*\*\*\*

dido sobre as carnes d'um escravo; o outro, no aspecto, a expressão phantastica d'um monstro implacavell...

Nada temiam...

O ribombar potente do trovão escutavam-no com indifferença e desprezo...

As coruscações dos raios para elles tinham o valor de pyrilampos brilhando em noite escura...

O que fariam alli?!

E uma mulher que ha pouco alli apascentava o gado que vira fugir aos primeiros raios, petrificada de susto gemia e contorcia-se entre as garras aduncas d'estas feras humanas... feitas á semelhança d'um Deus—todo piedade e amor!...

\* \* \*

E o vento, essa sentinella invisivel, na sua voz mysteriosa parecia dizer:  
«Mais um Vilipendiol!...»

PEDRO MARIA DA FONSECA.

(Othão)

Dos «Sombrios»

## As sete maravilhas do mundo

### As Pyramides

(Continuação)

A esphinge ergue acima da areia a sua cabeça de granito; apparece em seguida a segunda pyramide, quasi tão alta como a primeira e depois as outras mais pequenas que lhe fazem cortejo; mais longe para sul surgem as

outras pyramides, como que marcando *étapes*, em Abusir, em Saqqarah, em Dachur; e afinal o deserto que para o lado do occidente, desdobra as suas solidões, a sua desolação innumera e sublime.

A segunda pyramide, a chamada de Schofra ou Chéfren, conserva o seu revestimento, pelo menos na parte superior.

Em volta della ha uma muralha quadrangular, duas das faces são praticadas em rocha; cobrem nas hieroglyphos gigantescos. Tem portas que dão accesso a compartimentos funerarios; um delles é muito curioso porque o tecto praticado na propria pedreira, apresenta como que traves de troncos de palmeira.

A casa dos mortos imita a habitação dos vivos; ainda hoje o vigamento das choupanas dos fellahs é constituido por troncos de palmeira. Estes compartimentos, de facil accesso, formavam santuarios, consagrados ao culto dos antepassados; naturalmente não mettiam alli as mumias; collocavam-nas preciosamente em algum carneiro mysterioso.

Tanto o interior da segunda como da primeira pyramide têm corredôres baixos, estreitos, ingremes e com paredes feitas de granito rosa. Tambem se veem alli perfidas ratoeiras, engenhosamente dispostas para fazer quebrar os ossos aos profanos.

Estes corredôres que se percorrem livremente, mas não sem difficuldade, eram obstruidos com pedras que alli collocavam de proposito, quando se concluíam os funeraes.

Encontram-se dois compartimentos; um, situado muito mais alto do que o primeiro. O mais baixo e tambem o mais pequeno está vazio; o maior conserva ainda um sarcophago aberto, cujo tampo se estende no solo.

O tecto forma um angulo. Nas paredes vê-se em grossas letras a data de 1816 e o nome de Belzoni que foi o primeiro dos archeologos modernos que estudou a pyramide de Chéfren.

Por infelicidade os arabes de El-Aziz—Othman, filho de Saladino, tinham entrado lá primeiro no seculo XIII e Belzoni nada encontrou que respirar. A um canto vê-se uma abertura praticada á viva força, revelando a presença de um compartimento de pouca importancia e sómente accessivel aos morcegos.

Conta-se que foram desencantados os seis constructôres das pyramides; que depois da sua morte se dera uma violenta reacção, acompanhada de perturbações e revoltas, explicando-se assim a razão por que foi ignominiosamente atirada a um poço a estatua de Chéfren.

(conclue no proximo numero)

## GRAVURAS

Alugam-se nesta redacção, a preço modico.



Tome uma ostia com a refeição da noite quando... quando... *necessitar dela.*

*Dieta:* abstenção de carnes vermêlhas, vinho e quaesquer bebidas alcohólicas, massas folhadas, salgados, apimentados e especiarias. Coma peixe frêscio e todas as carnes brancas ortaliças, frutos e bêba muita agua fervida ou filtrada. Passeios higienicos, moderados, curtos mas frequentes. Hidroterapia, ginastica de quarto e *mais tarde* massagem sitematica dos côlons.

Boa noite. Sêja feliz, que bem o merece.

G. C.

## Rubra digitalis!...

A'MANHÃ

(para o Frederico Praste)

Quanto não seixam n'isto a esta hora  
Com um teço ou um pulhal na mão!

Antonio Nobre

Quando um dia, já farto do tormento,  
A esta vida puzer ponto final,  
Como Gerard—dependurado ao vento,  
A tiro como Anthero de Quental:

Não espero de vós um só lamento,  
Nem orações, nem flores, porque, afinal,  
Amigos nunca os tive no Convento  
Do Tédio em que se morre em Portugal!

Se da autopsia, porém na pedra abjecta,  
Dispensado não fôr—que fim d'um Poeta!  
Além, pelo Juizo de Instrução,

Abri, Douctores, meu corpo dolatoso,  
Que heis de encontrar o cancro venenoso  
Que me voia em vida o coração!

Atirigilda Chaves

### 2 — FOLHETIM DO "AZULEJOS,"

BASILIO JAX

## ESTANISLAU SAM

(A Carteira d'um policia)

CAPITULO II

### Viagem inesperada

Após uns breves conselhos, envolvidos na dura formalidade da lei, institua uns legados que absorviam totalmente a sua terça, nomeando-me testamenteiro sob condição de liquidar rapidamente os seus haveres, nos quaes se contavam: uma rica bibliotheca, onde existiam os mais raros manuscritos, manancial inexgotavel onde Sam bebera, sem duvida, a somma de conhecimentos que o seu bello cerebro cuidadosamente arrumava.

Foi no cumprimento da minha espinhosa missão que, cuidadosamente e após uns telegrammas preparatorios,

## BORDADOS E RENDAS



### Guitarra de Romanol

O pó do palco é peçonha  
Ou veneno, se quizeres,  
Que aos homens tira a vergonha  
E quita o brio ás mulheres.

115

Aos que a má sina em seus rastros  
Leva em furia esmagadora,  
Hão-de tecer-lhes os astros  
Uma aurora redemptora.

116

Eu vivo a morte adorando,  
Que a morte é vida p'ra mim,  
Morro esta vida odiando,  
Que a vida é magua sem fim.

117

Quem me dera ter os sellos  
Dos erarios imp'riaes  
P'ra guardar teus falsos zelos  
Convertidos em reaes

118

O ciume é quebra mar  
Do amoroso confôrto,  
Quem me dera navegar  
Sempre longe do teu porto.

escrevi a Sam participando-lhe a triste nova.

A liquidação foi demorada. Finalmente cahiram nos archivos as resmas de papel sellado, e uma vez que a vontade do extinto fôra cumprida integralmente, participei ao meu antigo condiscipulo que n'essa data ficava em meu poder e á sua ordem a bonita quantia de duas centenas de contos, proxivamente, pallido reflexo ante a luz deslumbradora dos ultimos milhões de dollars de que Sam estava prestes a ser possuidor.

A resposta não se fez esperar e emparelhando em loconismo com as demais, terminava assim.

«E que fazer a tanto dinheir! Vem ver New York e tral-o contigo»

Este periodo fez-me pensar um pouco na minha vida que descurára para tratar da dos outros. Dei balanço á situação: Não era a Escola que agora me prendia.

O estudo, sem aquelle dilecto companheiro tornara-se detestavel. Lisboa havia exgotado o seu repertorio que nunca lograra distrahir-me, e repe-

Leiam o sensacional romance

Estanislau Sam, o policia portuguez

que o AZULEJOS publica em folhetins

## MUSA GALHOFEIRA

MOTTE

Quem me dera meu amor,  
Essa bocca pequenina.

Glosas

Teu rosto de linda cor,  
Teu olhar apaixonado,  
Teu sorriso delicado,  
Quem me dera, meu amor,  
Apagar-se minha dor  
Só n'essa alma tão divina,  
Tão pura, tão chrystallina  
Faz em nós o peito arfar,  
E sómente qu'rer beijar  
Essa bocca pequenina.

ALYARD FERREZ CARNEIRO

Ser já medico doutor  
E ter bastantes doentes,  
Chupar massinha aos clientes,  
Quem me dera, meu amor,  
Pod'rei então com fervor  
Commetter uma charina  
Sem fim n'estas minhas ganas,  
Que me atormentam tyrannas,  
Sendo a lanceta assassina,  
Essa bocca pequenina!

CHICO

A' prima, o Braz, 'stofador  
Um vegete torto e calvo  
Dizia d'olhos em alvo  
Quem me dera meu amor,  
Ora o primo é massador  
Que constante sarrazina!  
Mas então, que quer's menina?  
E's tu que assim me provocas,  
A pedir tantas bejocas  
Essa bocca pequenina!

ZÉ D'ALDEIA

tia-se na banalidade dos cafês, dos theatros e das noites em familia.

A America! O que seria a America!  
Conhecia-a apenas do mappa,

E porque não tentaria essa viagem? Rico, independente, sem o mais tenue fio a ligar-me a este torrão alfacinha, decidi partir. Em oito dias estava tudo prompto. Convertera em cambiaes a legitima de Sam, e mettendo na algibeira o meu rendimento de um anno que orçava por uns nove contos de reis, parti.

Vinte e dois dias depois, ao cabo de uma viagem tormentosa, o *Swift* ancorou no porto de New York, verdadeira floresta de mastros envolta em densas nuvens de fumo.

O novo mundo! Eu sonhara-o assim!

Minutos depois, em seguida ás formalidades aduaneiras, defrontava-me com Sam no caes da Bateria.

Era elle sem duvida, apesar do amplo casacão de xadrez cuja gola quasi lhe escondia a cara ensombrada por um colossal bonnet de lontra. De fôra só o cachimbo fumegante que oscilava á contracção dos massitêres.

Não pode conter a alegria que

(A uma freixeza  
Viúva... e vajando)

Sendo eu grande amador,  
De cousas que vem de França,  
Ter de si uma lembrança,  
— Quem me dê a meu amor.  
Peço pois e com fervor,  
E como graça supina,  
A que me infiltres menina,  
Mas isto *sant se blaser*  
Um terno beijo *un baiser*  
Essa bocca *figuetina*.

A. Prou

## Morte á Vida

(do Ramiro Mattos Maia)

Eu odeio da Dôr, a gárta venenosa,  
Como odeio da Rua a confusão profana...  
Sinto dentro de mim a Raiva gangrenosa  
Como uma aberração da Consciencia Hu-  
mana!

Sou filho do *spleen* e d'uma dôr qualquer  
Que eu não sei definir, mas que sinto a ro-  
êr-me  
Como o veneno rõe um corpo de Mulher  
Entregue ao gargalhar sarcástico do Vermel!

Tenho uma raiva immensa a quem tiver es-  
p'rança:  
Incomoda-me ouvir um riso de creança,  
Que é como um sarcasmo, estúpido, brutal...

Odeio a luz do Sól, que me assassina a vista,  
Que o Sól, é que ilumina—o grande pes-  
simista—  
A immensa podridão da Vida Universal!

MARIO DE SANTA-RITA

## MORTE

Essa Parca que a gente muito odeia,  
Tantas vezes pintada em cor escura;  
Talvez mesmo por ser assim tão feia  
Quanto menos se quer, mais se procura!

24 PENNA.

dominava e abrindo os braços n'um enorme amplexo que nada tinha de britannico exclamei:



Oh! meu caro Sam!

— Oh! meu caro Sam!  
Mas Sam fi-  
cára impertur-  
bavel ante a  
minha attitude  
que esfriando  
de repente me  
fez sentir ridi-  
culo.

O meu ami-  
go limitara-se  
a estender me-  
cha nicamente  
a mão e arru-

mando o cachimbo ao canto da bocca articulou entre duas baforadas Birds Erce como se me não visse desde a vespera.

Como vaé isso?

Em seguida, tomando-me do braço arrastou-me para o seu *cab*, que nos esperava a distancia, e uma vez atravez aquellas ruas de extraordinaria concorrência que me deixava me aturdido, Sam concentrara-se, sem me interro-

## A Ideia do Sr. Trincart

Por fim levantaram-se, antes porém de saírem, Santo Estevam pediu a palavra:

— Proponho que nos reunamos todos os annos nesta mesma data.

— Apoiado.

— Que não se accete desculpa alguma para faltar a este ajuste, quer a gente se tenha visto na vespera, quer onze mêzes antes.

— Apoiado.

— Seja onde fôr que qualquer de nós esteja, no centro d'África, na Oceania ou em Kamtschactka, sômos obrigados a metter-nos a caminho de modo que nos achemos á entrada do café inglês ás sete menos cinco minutos do dia 23 de maio.

— Juramos, promettemos, solemne-mente, responderam Trincart e Grangemont.

Os tres amigos abraçaram-se enterrecidos. Não sou capaz de jurar que no bolso do colete de Grangemont não caísse uma lagrima.

Afinal separaram-se.

No dia seguinte fôram ao tabellião fazer uma escriptura, pela qual se declararam herdeiros uns dos outros.

Obrigaram-se além d'isso a segurar a vida em 100.000 francos cada um, revertendo o capital, á medida que fossem morrendo, ao ultimo sobrevivente. Depois de assignar abraçaram-se. Aquella amizade era uma amizade sem igual.

## II

Trincart tinha quarenta e seis annos, Grangemont quarenta e nove e Santo Estevam, que dizia ter trinta e

oito, estava em vesperas de ver a quadregesima quinta primavera.

Todos tinham tido até então uma saude robustissima. Nem o frio, nem o calor, nem as epidemias, nem as imprudencias, tinham alterado aquellas rijas constituições. Uma constipação era um acontecimento de que tinham uma ideia vaga, por terem apanhado varias, muito benignas, quando eram creanças. Febres nunca haviam tido,

Leiam o sensacional romance

Estanislau Sam, o policia portuguez

que o AZULEJOS publica em folhetins

nem por sombras. Os rheumatismos eram invenções dos medicos. Só a gota é que elles entreviam lá ao longe, n'um futuro alegre e cheio de festins gastronomicos.

Apesar d'isso, passados quatro mezes, Santo Estevam sentiu uma dôr muito forte na garganta.

— Ora esta! disse elle comsigo, o caso é que me sinto doente. E' singular!



E começou a scismar

E começou a scismar.

Grangemont esperou seis mezes, mas notou que ia enfraquecendo progressiva e regularmente.

— Que quererá isto dizer? resmungava elle comsigo mesmo.

E a cara alegre e sadia de Trincart passou-lhe deante da vista.

— Elle bem sabia o que fazia, aquelle espertalhão, disse de si para si.

(Continua)

gnavel, unica serventia de um magnifico predio de quatro andares.

Ao apearmos-nos, e quando Sam se dispunha a introduzir a chave nafechadura, passou, rente a nós, um homem mal vestido que, sem parar, pronunciou a meia voz as seguintes palavras:

— Atalanta, 27, 52, não...

Sam continuou a sua tarefa parecendo não têr ouvido as palavras d'aquelle homem e, no momento em que a porta se abria, exclamou sorrindo para mim — 24 — jornal — Inglaterra — 2 — 7 horas.

Neste momento notei que o individuo a que acima me referi, parára a quatro metros de nós e acendia pausadamente o cachimbo, mas ao ouvir as não menos misteriosas phrases do meu amigo, partiu rapidamente na direcção do norte, não sem primeiro têr deixado cahir no passeio uma pesada bengala encimada por grosso castão de metal branco e apanhando-a logo rapidamente.

(Continua).

**NOTICIAS DE THEATRO**

Realisa-se no dia 24 a festa artistica do estimado actor Augusto Machado, do theatro do Gymnasio.

Representa-se pela primeira vez a comedia burlesca em 3 actos, *O olho da Providencia*, original dos nossos camaradas de redacção, Dr. Xavier da Silva e João Bastos.

Attendendo ás sympathias de que gosam o festejado e os noveis comedigraphos e, ainda, a que n'essa noite sobe á scena um original portuguez, obra que tanto escasseia actualmente, auguramos lhe uma noite de triumpho e alegria.



Por ter sahido errado no numero anterior, de novo publicamos os seguintes versos:

**DOLORA**

ANGELO PITOU

Elle era bom marido, não admira!  
O calix era-lhe doce, inda sem fezes!  
... Casado ha nove mezes!  
Mal vio a companheira idolatrada  
aificta, e com as dôres, attribulada,  
sahe da casa a correr n'uma carreira  
Em busca da parteira

Era de noute, e tarde, já fechada  
estava a porta da escada;  
bate as palmas,—de repente,  
tem na frente,  
em vez do nocturno desejado,  
um touro bem armado,  
que lhe dá em cheio uma marrada  
tão bem dada,  
que por um triz o vira do avesso  
Que successo!...



**QUAL E A COISA,**   
**QUAL É ELLA?**

**Decifrações**

—Do numero 63.

1—Amornada—2, Café—3, Carôlo—4, Gemiza—5, Parlamento—6, Apa—7, Coia—8, Macho, machinho—9, Pôreo, ôreo—10, Rabeca, Rabecão—11, Marulho, barulho—12, Allh—13, Anteparar—14, Anteismo—15, Menina, vinha, pêra e faval são maus de guardar—16, Aldeia nova de S. Bento.

Lista dos decifradôres do n.º 63

Ziram, 16 — Claudio Figuras, 14 — Zé-João, 14—

Campião do n.º 63

Ziram

**Charadas**

1

**Novissimas**

Com conta e pezo se faz a transposição—2—2

DOMINÓ BRANCO

2

Na India o liquor serve de insignia aos sacerdotes d'Apollo—1—2

BATE ESTACAS

3

Este apelido prende o homem—2—1

SAGEDAS

4

**Augmentativa**

Cobre o animal—2

JORGE MARTINHO CLARO

5

O peixe está dentro d'um barrete dos gregos—2

BURLÃO

6

**Electrica**

Eia!—1

Vi boiar n'um rio este movel.

EL FULO

**Enygmas**

7

**Saltitante**

(a minha irmã,

1-2-3-4-5-6

1-2-3-4-5-6

Vi a boiar este movel.

MERCEDES BERENGUER

8

**Por iniciaes**

(ao charadista Edmundo Motrena)

R. S. Q. N. T.

1 2 1 1 3

9

**Typographicos**

BIB A ROMA

10

**Acrostico**

A \* \* \* \* \*  
N \* \* \* \* \*  
N \* \* \* \* \*  
A \* \* \* \* \*

As decifrações devem ser enviadas até 4.ª feira.

**POSTA RESTANTE**

*Mapylar* — Perdeu-se o soneto que V. Ex.ª nos enviou com a sua *Blasphemia*; queira envial-o outra vez, se faz favor.

**ERRATA**

Nas columnas 4 e 5 do folhetim anterior houve troca de periodos.

A seguir á phrase: *para os meus sessenta annos (4.ª col.)* devem ler-se os periodos: *É demorar-se-ha muito?*, etc. até ao fim da 5.ª columna, continuando depois na 4.ª *Nem por outro modo* etc...

**JAZIGOS DE CAPELLA**

A 200\$000 reis

8 Logares

Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

**JANUARIO & MOURÃO**

Ourivasaria e relojoaria

Grande quantidade de artigos em estojos proprios para brindes, desde 1\$000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso.

Importação directa das fabricas.

PREÇO FIXO

Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92-A

**GATOPRETO**

R. DE S. NICOLAU (esquina da R. do Crucifixo)

Lindissimos objectos para brindes

Caracteristicos e originaes modelos em

**LOUÇA DAS CALDAS**

Artigos de Pintura

Tintas a oleo d'aguarella e pastel. Vernizes, telas, pinceis, papeis e todos os artigos proprios.



**Julio G. Ferreira & C.ª**



*Fornecedores da Casa Real*

82—RUA DA VICTORIA—86

Exposição permanente

166 — RUA DO OURO — 170

Installações completas para agua gaz e electricidade

Grande sortido de lustres em todos os generos

# AO CORRER DA PENNA

Mazurka por Luiz Dalhenty

Tempo de Mazurka

MAZURKA

Introdução

1ª 2ª

D.C. al fine

Jorgilda 208